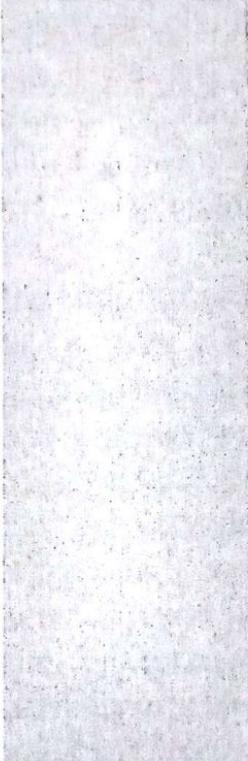


José Gaspar Oliveira do Nascimento ()*

A Gramática na Grécia

(*) Professor de Língua e Literatura Latina na
Universidade de Sorocaba — UNISO



RESUMO

Este trabalho visa a apresentar um painel sobre a estrutura da gramática clássica grega e seu imbricamento com as chamadas gramáticas normativas contemporâneas.

ABSTRACT

This article intends to present a panel about the structure of the classical Greek grammar and its imbrication with the so-called contemporaneous normative grammar.

Quot homines, tot sententiae
(Terêncio, *Formião*, II,4)

Parece que Terêncio tinha razão. Tantas são as opiniões quantos são os homens. Podemos aplicar tal assertiva à noção de gramática.

Para Borba (1971:79), gramática, em sentido amplo, é o conjunto de elementos estruturalmente disposto que compõem a língua. O mesmo autor faz desfilar, em seguida, uma série de definições de gramática, sob a ótica das diferentes correntes lingüísticas. Define gramática descritiva ou estrutural, e define gramática interpretativa de orações, e define gramática gerativa, e gramática contrastiva ou transferencial, e gramática normativa, e gramática referencial, e gramática geral, e gramática universal, e ... ufa! gramática estratificacional. Distingue, ainda, gramática, em sentido amplo, de gramática em sentido restrito: “a gramática (em sentido restrito) é o estudo das formas e suas combinações encaradas de um ponto de vista exclusivamente lingüístico”.

Complicado, não?! Afinal, como, onde e por que surgiu a gramática? Mergulhem nas águas claras do passado e lá, *claramente*, lá, na antiga Grécia, encontraremos a resposta para as nossas dúvidas.

Os primeiros estudos sobre a linguagem (origem, história, estrutura) não foram gramaticais, mas filosóficos. A primeira preocupação dos filósofos gregos foi a relação entre o pensamento e a palavra — entre a coisa e seu nome. Para vários deles (Heráclito, Pródico e os sofistas do século V a.C.) a palavra era a encarnação da natureza das coisas. Aristóteles também se preocupou com a filosofia da linguagem, tendo impulsionado o conhecimento das categorias gramaticais, sob o ponto de vista da lógica.

Foram, porém, os estóicos que mais se destacaram no estudo dos conhecimentos lingüísticos, sempre sob a ótica da lógica. Para eles a linguagem se origina naturalmente na alma dos homens e a palavra expressa a coisa conforme a natureza dela, despertando, do mesmo modo, no ouvinte, uma impressão conforme a dita natureza. Toda palavra contém uma verdade (grego: *étymon*) conforme sua natureza. Cabe ao filósofo buscar essa verdade. Surge, então, a etimologia. Os estóicos se dedicaram à etimologia, porém com processos irracionais e arbitrários. Coube-lhes o mérito de terem legado aos pósteros o conhecimento essencial sobre as categorias gramaticais e sua nomenclatura.

A partir do século III a.C., começou um período de estudo mais objetivo sobre a linguagem com o interesse pela interpretação e reconstrução da litera-

tura, não propriamente na Grécia, mas em Alexandria, no Egito. A tais estudos deu-se o nome de gramática. Só mais tarde, quando os estudos se concentraram na língua é que a palavra gramática restringiu o seu sentido, passando a designar o estudo da língua e, depois, a exposição dos fundamentos da linguagem.

Nesse período, em lugar da polêmica anterior entre natureza e uso, aparece outra — anomalia e analogia — mais ou menos correlata. O conceito de anomalia parte dos estóicos, que demonstram a falta de consequência continuamente observada entre a palavra e o pensamento. Assim, há incogruência entre o som e seu conceito. Ex. *córax* (corvo) é masculino, mas se aplica ao macho e à fêmea. Nocionalmente deveria ser ou masculino ou feminino.

Tal questão passou do campo filosófico para o gramatical propriamente dito, e à anomalia dos estóicos se opôs a analogia (tendência niveladora da língua). O analogista mais famoso foi Aristarco, que influi na obra de Dionísio da Trácia, o primeiro grande gramático que compilou as conquistas gramaticais dos gregos e conceituou a gramática como **conhecimento experimental do que mais constantemente se acha nos poetas e prosadores**.

Inicialmente, a gramática tinha caráter apenas normativo (ensinava a distinguir o certo do errado). Deve-se a Dionísio da Trácia a sistematização da gramática grega: desenvolveu as idéias sobre as declinações, as conjugações, as vozes e os tempos verbais, as partes do discurso, etc. Dionísio considerou como categorias gramaticais, em correspondência com as categorias lógicas segundo o pensamento dos estóicos, o nome, o verbo, o particípio, o artigo, o pronome, a preposição, o advérbio e a conjunção.

Pode-se observar claramente, nessa relação de categorias gramaticais, o eixo da frase nome-verbo (sujeito e predicado) : nome, particípio (adjetivo), artigo, pronome + verbo, assim como a relação intrafrásica (preposição e conjunção); acrescenta-se, ainda, o elemento modificador do verbo — o advérbio.

A gramática de Dionísio da Trácia tinha caráter filológico, pois se interessava pela interpretação do texto. Compunha-se de seis partes:

1. Leitura e pronúncia correta.
2. Explicação de textos pelos tropos que neles surgem.
3. Explicação de palavras e coisas.
4. Etimologia.
5. Paradigmas de flexão ou analogia.
6. Crítica.

Vê-se que a morfologia foi uma preocupação maior entre os gregos. A sintaxe só teve desenvolvimento com Apolônio Díscolo (séc. II), o mais importante gramático de Alexandria.

A crítica mais contundente que se pode fazer da gramática do grego clássico diz respeito à preocupação estritamente filosófica que os gramáticos explicitavam: não havia nenhuma preocupação com o falante da língua. A gramática grega era autoritária, o que acontece, aliás, com todas as gramáticas normativas.

Outra crítica a fazer à gramática grega: preocupação exclusiva com a língua nacional — o grego — sem qualquer relação comparativa com outra língua. Para os gregos, sua língua era um instrumento de comunicação universal. Quem não a conhecesse era chamado de “bárbaro”.

Em síntese, apesar das críticas que se possa fazer à gramática grega, é forçoso afirmar que eles, os gregos, abriram horizontes para pesquisas posteriores, pois especularam sobre a origem da linguagem e das palavras. A eles se devem, até hoje, os estudos fundamentais sobre as categorias gramaticais; aliás, o grosso da nossa nomenclatura atual é o mesmo da gramática grega clássica traduzida do latim. Sem dúvida, nada se diz que já não tenha sido dito antes (**Nullum jam dictum est quod non sit dictum prius.** — Terêncio, *Eunuco*, Prólogo, 4).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos lingüísticos.** 2. ed. São Paulo : Nacional, 1971.

— **Pequeno vocabulário de linguística moderna.** São Paulo : Edusp, 1971.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. **História da língua portuguesa.** Lisboa : Sá da Costa, 1984.

LYONS, J. **Introducción en la lingüística teórica.** Barcelona : Editorial Teide.